



O Ideário Patrimonial О идеарио

Na Rota dos Mosteiros
Património da Humanidade (e
outros Patrimónios)



O Ideário
Patrimonial
О идеарио

www.cta.ipt.pt

N. 07 // dezembro 2016 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar
Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar
Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro
Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora
Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova
Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal
Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

**ANOTADA DA ERC
REGISTADA NA INPI**

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



Índice

EDITORIAL	04
Introdução. O Mosteiro da Batalha e o(s) seu(s) Território(s) Joaquim Ruivo	06
Do Património Natural aos Patrimónios Culturais – a Singularidade do Cársico Estremenho Nuno Carvalho e Mário Oliveira	13
A Âncora de um Imenso Navio António Jorge Figueiredo	25
Património Industrial dos Antigos Coutos de Alcobaça António Maduro	44
Os Administradores da Fábrica do Juncal e a Real Casa da Nazaré Maria Filomena Costa Coelho da Silva Martins	57
Mosaico	66
Caixa Geral de Depósitos. Os Depósitos Públicos e o aparecimento da Junta do Crédito Público Joaquim Pombo Gonçalves e Helena Real Gomes	67
Territórios Culturais: Sagrado e Profano na Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro e suas relações com a Cidade, o Turismo e o Patrimônio Cultural Elis Regina Barbosa Angelo	78
Paisagem Cultural: Caminhos e Possibilidades da Educação Patrimonial como Experiência Interdisciplinar Lauro César Figueiredo e Marta Rosa Borin	103
Rio de Janeiro – Lisboa, um Programa de Estudos sobre Imagética: 10 anos de cooperação pedagógica e científica entre Universidades Maria Leonor García da Cruz	114

EDITORIAL



Editorial

Este número de Dezembro surge dividido em duas partes.

A primeira parte consta dos artigos produzidos depois das apresentações que tiveram lugar no III Fórum cuja temática versava sobre Patrimónios.

O III Fórum “Património Natural, Etnográfico e Arqueológico. Na rota dos Mosteiros Património da Humanidade – Alcobaça, Batalha e Tomar: outros patrimónios a salvaguardar ” é organizado pelo Instituto Politécnico de Tomar, a Câmara Municipal da Batalha, o CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»), o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha) e o Convento de Cristo (Tomar), com o objetivo trazer a lume património natural, etnográfico e arqueológico que gravita na órbita do grande eixo de Património da Humanidade definido pelos mosteiros de Alcobaça e Batalha e pelo Convento de Cristo, em Tomar.

A relevância destes três monumentos transporta virtudes e também algumas dificuldades acrescidas no processo de estudo e valorização de “outros patrimónios”. De facto, a sua projeção internacional constitui uma garantia de um permanente interesse pela região, desde logo, em termos científicos, mas também numa perspetiva mais abrangente de fruição cultural. No entanto, também existe uma perceção de que a presença destas fortes marcas patrimoniais pode, se não devidamente tido em conta, absorver uma atenção, de alguma forma, propícia a um diminuto investimento em patrimónios relacionados entre si e que explicam, em boa parte, aqueles monumentos. Estes “outros patrimónios” representam, de resto, um manancial de valorização territorial suscetível de ser evidenciado de forma acrescida.

Como sucedeu nas edições precedentes, este fórum pretende abrir um espaço a estudos de investigadores de diversas áreas e cujos resultados e reflexões se pretende dar a conhecer, no interesse das comunidades que diariamente convivem com as suas paisagens, identidade e memórias e, neste caso, contribuir para potenciar, com utilidade recíproca, as valências de um eixo patrimonial de projeção inestimável.

A segunda parte consta de artigos enviados para publicação na Ideário como o artigo acerca do primórdios da CGD, e sobre tradições, costumes e ambientes de discussão teóricos vindo do outro lado do Atlântico (Brasil).

O conteúdo deste número é concerteza um convite a entrar no mundo da Ideário.

OS ADMINISTRADORES DA FÁBRICA DO JUNCAL E A REAL CASA DA NAZARÉ

Maria Filomena Costa Coelho da Silva Martins

Professora de História aposentada e investigadora

2480-389 Juncal (Porto de Mós) Portugal

filomena.martins@outlook.pt



Os Administradores da Fábrica do Juncal e a Real Casa da Nazaré

Maria Filomena Costa Coelho da Silva Martins

Historial do artigo:

Recebido a 09 de dezembro de 2016

Revisto a 15 de dezembro de 2016

Aceite a 19 de dezembro de 2016

RESUMO

A Fábrica do Juncal foi fundada em 1770 e laborou durante mais de um século produzindo louça utilitária e decorativa bem como azulejos.

A decoração da louça viria a distinguir-se das demais devido à originalidade na decoração sendo mesmo conhecida como “maneira do juncal”.

A qualidade e o prestígio alcançado valeu-lhe uma distinção da Rainha D. Maria I que lhe concedeu o título de Real Fábrica do Juncal.

Entre os clientes contaram-se igrejas e mosteiros da região bem como casas senhoriais, entre eles a real Casa da Nazaré.

Esta instituição, ao longo dos anos e, nomeadamente no final do século XVIII e início do século XIX, foi fazendo obras de vulto, quer no santuário, que no palácio real e casa do administrador como em casas destinadas aos festeiros que vinham com os círios por altura das festas de N^{ra}. Sr^a da Nazaré.

A Real Casa da Nazaré teve durante longos anos relações próximas com a Real Fábrica do Juncal. Nos primeiros tempos da fábrica, os seus administradores recorreram à Real Casa da Nazaré para pedir dinheiro emprestado para custear obras diversas; esta, por sua vez, comprou em diversas ocasiões azulejos e louça para as dependências que dela faziam parte.

Palavras-chave: Real Casa da Nazaré, Fábrica do Juncal, Azulejos, Louça

ABSTRACT

The Factory of Juncal was founded in 1770 and produced decorative earthenware, dishware and tiles for more than a century.

The decoration of the earthenware become known as “the Juncal way of painting” due to its originality.

The quality and prestige achieved, lead to the concession from Queen Mary I to the factory of the distinct title of Royal Factory of Juncal

Churches, monesteries and manorial houses in the region were found among its customers namely the Royal House of Nazaré.



This institution made several renovations along the end of the XVIII and beginning of the XIX centuries in the sanctuary, the royal palace, the administrator's house as well as in the houses meant to festivity sponsors who come with pilgrims at the time of the festivities dedicated to the Lady of Nazaré.

The Royal House of Nazaré developed a relationship close to the Royal Factory of Juncal during early period of the factory its administrators appealed to the Royal House of Nazaré to lend money to finance some renovations at the factory while the Royal House of Nazaré bought tiles and earthenware to the several houses belonging to its Heritage.

Key-words: Royal House of Nazaré, Factory of Juncal, Tiles, Earthenware

1. Breve História da Fábrica

A Fábrica do Juncal foi fundada em 1770, por José Rodrigues da Silva e Sousa, natural dos Milagres (Leiria) mas descendente de artistas juncalenses que trabalharam em Mafra e no Santuário do Senhor Jesus dos Milagres.

Numa época em que o incentivo à produção nacional foi incrementada pelo Marquês de Pombal, a indústria de cerâmica tinha no Juncal um local privilegiado para se desenvolver já que era uma excelente zona de argilas a que se juntavam as condições de escoamento dos produtos pois se encontrava próximo da Estrada Real que ligava Lisboa ao Porto. Localizada, segundo documentação da época, na Rua da Carreira da Vila, a fábrica funcionou, inicialmente, em barracões provisórios tendo-se desenvolvido progressivamente com a construção de novas instalações.

No único livro de matrícula conhecido, o registo dos empregados data de 1778 onde se destaca José Luís Fernandes da Fonseca que, tendo muito provavelmente trabalhado nas oficinas do ceramista Bioso, veio de Coimbra para o Juncal para "...benefício da fábrica e fazê-la manobrar" (1). Com este artista, que viria a ser o administrador da Fábrica, foram introduzidas novas influências e novas técnicas na decoração. A maneira clássica e erudita deu lugar à chamada "maneira do Juncal" mais simples nas formas e na decoração e inspirada na flora local. Relativamente ao azulejo, ele seguia os modelos da época, apesar de ter algumas particularidades. São ainda hoje belos exemplares a maior parte dos azulejos que decoram as Igrejas do Juncal e dos Milagres, uma escadaria do Santuário de N. Sra. da Nazaré e outras capelas da região.

Em 1782, consciente da importância que a fábrica atingira, José Rodrigues da Silva e Sousa dirigiu à rainha D. Maria I uma petição para usar as Armas Reais por cima da porta da fábrica, graça que lhe foi concedida em 28 de setembro de 1784, passando a denominar-se como Real Fábrica do Juncal.

Durante as Invasões Francesas, como é sabido, o país sofreu grande destruição sendo toda a região largamente afetada e a fábrica foi destruída.

Em 1811, José Rodrigues voltava a reconstruir tudo de novo, fazendo sociedade com José Luís Fernandes da Fonseca, já administrador e casado com uma sobrinha do primeiro.

Por morte de José Rodrigues, em 1824, a fábrica passou para a posse do seu sócio José Luís Fernandes da Fonseca.

A Fábrica pertenceu ainda a mais duas gerações da família tendo sido administrada por Bernardino da Fonseca e depois por seu filho José Calado da Fonseca que viria a encerrá-la no ano de 1876 para se dedicar à atividade agrícola já que possuía grande número de propriedades.

2. As relações entre os administradores da Fábrica e a Real Casa da Nazaré

A Fábrica foi construída de forma faseada tendo o seu fundador recorrido a empréstimos diversos para custear as obras. Uma das entidades credoras foi a Real Casa da Nazaré. Ele próprio o refere em memórias que deixou registadas:

...também paguei a Real Casa de N^a Sr^a. De Nazareth que por morte de m^a 1^a mulher se lhe devia de creditos atrasados de sete anos e sete meses... 30 495 rs

Destratedei e paguei a d.^a Real Casa o d^o juro, que havia mais de 34 anos se tinha feito por cujo destrato paguei 80 000 rs (2)

Mas as relações do administrador da Fábrica com a Real Casa da Nazaré não se limitaram ao recurso a empréstimos; decerto pelo prestígio alcançado, nomeadamente com a distinção concedida pela rainha D. Maria I, as encomendas daquela Real Casa foram-se sucedendo.

A primeira encomenda de que demos conta reporta-se a 28 de Abril de 1802 e refere-se à compra de azulejos para a Casa da Administração.

Despenderão mais os ditos Rd^{os} Mordomos no fim desta lauda assignados em moeda de metal a quantia de trinta e oito mil, setecentos e doze reis -----

Com que satisfizeram a José Rodrigues da Silva e Sousa da Fabrica de Louça do lugar do Juncal, termo de Porto de Moz, mil, seis centos outenta e dous azulejos que venderão para as casas da Administração à razão de dous mil e trezentos reis o cento e lhes mandarão fazer D.^{or}Dez.^{or} D. José Maldonado Menistro que foi desta Real Casa. E de como recebeo a dita quantia assignou por ele marciano Fortunato mestre carpinteiro da mesma Real Casa comigo escrivão

(seguem assinaturas) (3)

Segundo testemunhos orais, tratava-se de uma casa senhorial, com belas salas com silhares de azulejos e rico mobiliário.

Segundo testemunhos orais, nos anos 80 do século passado, foi destruído todo o interior do edifício, os azulejos foram para entulho e muitos objectos, entre os quais de mobiliário foram queimados no quintal. O objectivo era edificar o atual lar de idosos (**vd. Figura 1**)



Figura 1. Casa do Administrador, atual Lar de idosos da Confraria de N. Sra. da Nazaré.
Fonte: Fotografia de Júlio Martins

Segundo documentação da época, a Família Real deslocava-se com alguma frequência à Nazaré em visita ao Santuário. Por ocasião de uma dessas visitas, em Agosto de 1806, surge a referência a um nova encomenda, desta vez de uma remessa de louça para preparar a visita do príncipe Regente, D. João:

Despenderão mais mil e seiscentos reis com que satisfizeram a José da Fonseca fabricante de louça do lugar do Juncal, termo de Porto de Moz a louça que consta da sua cartilha (?) que fica no Carthorio e venderão para esta Real Casa necessária para a vesita do Principe Regente Nosso Senhor na Casa da Administração em Agosto deste ano. E de como tenho a dita quantia assigne e eu escrivão aqui por ele e ditos Rd^{os} Mordomos...

(seguem assinaturas) (4)

O facto de se fazer uma compra de louça à Fábrica do Juncal para receber uma personalidade ilustre denota a confiança na qualidade dos produtos que eram encomendados.

De referir que, desta vez, é nomeado José da Fonseca que já seria, um colaborador da confiança do proprietário.

Em 8 de Outubro de 1809, surge nova encomenda à Fábrica do Juncal, desta vez de azulejos:

Despendero o Rdo Mordomo Cypriano Ribeiro de Abreu no fim desta Lauda assignado, em moedas de metal cinco mil outo centos e doze reis com que em Agosto deste ano satisfizerao a José Rodrigues da Silva e Sousa do Juncal, termo de Porto de Moz, dous mil, setecentos e sincoenta e dous reis de outenta e seis azulejos que venderão para esta Real Casa como se vê de uma cartilha de conta(?) que ficão no Carthorio... (segue na mesma nota compra de cal e assinaturas) (5)

Embora não haja qualquer referência ao local a que se destinavam os azulejos, tudo leva a crer que se trata dos azulejos que preenchem os rodapés de uma escadaria de acesso à sacristia do Santuário de N. S.^ª da Nazaré onde ainda se encontram, apesar de faltarem alguns e outros se encontrarem estalados ou partidos. (vd. **Figura 2.**)



Figura 2. Rodapé da escadaria de acesso à sacristia do Santuário de N. S.^ª da Nazaré. **Fonte:** Fotografia de Júlio Martins

Curiosamente, na Capela da Memória, toda ela forrada a azulejos, pode ver-se algumas lacunas preenchidas com azulejos da tipologia dos acima referidos (vd. **Figura 3.**) o que leva a pensar que terão sido ali colocados aleatoriamente sem o cuidado de os repor no devido local.



Figura 3. Pormenor de uma parede da Capela da Memória com azulejos do Juncal. **Fonte:** Fotografia de Júlio Martins

Segue-se um período de vários anos em que não se dá conta de qualquer encomenda e que coincide com o período das Invasões Francesas em que, como foi referido, a Fábrica foi largamente danificada.

Mas, em Outubro de 1820, surge nova encomenda de louça e que se destinava a uma casa de festeiros; na época, era usual haver casas anexas ao Santuário que albergavam os peregrinos dos círios que vinham à Nazaré por altura das festas em honra de N. S.^a da Nazaré:

Despenderão mais os ditos Mordomos nove centos e secenta reis

Com que satisfizerão a louça que veio do Juncal para a casa dos festeiros de Queluz como consta no documento 80...

(seguem assinaturas) (6)

Em 1824, morreu o fundador da Fábrica do Juncal. Apesar de já não ser ele o administrador, esta unidade fabril continuava a fornecer a Real Casa da Nazaré, podendo ver-se o registo de uma significativa encomenda de louça (**vd. Figura 4.**) em Setembro de 1832:

Despenderão mais os ditos mordomos mil novecentos e secenta reis com que satisfizerão o custo de cinco dúzias de pratos piquenos, huma dúzia deles grandes, e meia dúzia d'elles sopeiros da fabrica do Juncal, como consta do documento nº 215

(seguem assinaturas) (7)



Figura 4. Prato Real Fábrica do Juncal. Fonte: Coleção particular.

Embora não haja referência ao destino a dar a esta encomenda de louça, poderia destinar-se ao Palácio construído para acomodar a Família Real quando esta vinha em peregrinação, havendo registos de visitas régias coincidentes com a época a que se reportam as compras de louça ao Juncal.

3. Nota Final

A Real Fábrica do Juncal teve no final do século XVIII e primeira metade do século XIX uma projeção digna de destaque a avaliar pelas regalias concedidas ao seu fundador, com foi o caso da autorização de usar as armas reais ou o título de Monteiro mor de Vila de Rei.

Por outro lado, os grandes clientes da Fábrica eram os mosteiros da região como o de S. Francisco de Leiria, dos Agostinhos de Porto de Mós, o de Alcobaça ou do Lourçal ou ainda as casas senhoriais de que se destaca a Real Casa da Nazaré e igrejas como a da Mendiga, Juncal e Milagres.

As peças da Real Fábrica que ainda existem fazem parte dos acervos de museus ou de colecionadores sobretudo porque a sua decoração, pela sua originalidade se distinguiu de todas as outras provenientes de fábricas da mesma época.

NOTAS

- (1) Arquivo Distrital de Leiria (=ADL), Fundo Casa Calado, *Livro de Matrícula, folha 2*
- (2) ADL, Fundo Casa Calado, MF003, *Memorando de José Rodrigues da Silva e Sousa*
- (3) *Arquivo da Real Casa da Nazaré, atual Confraria de Nossa Senhora da Nazaré (AHCNSN), caixa 27, livro 1, folha 163 verso*
- (4) *AHCNSN, caixa 27, livro 1, folha 282 verso*
- (5) *AHCNSN, caixa 27, livro 2, folha 47 verso*
- (6) AHCNSN, caixa 28, livro 1, folha 8 verso
- (7) AHCNSN, caixa 28, livro 1, folha 282 verso

BIBLIOGRAFIA

FIALHO, José Jorge, et. al. - **Santuário da Senhora da Nazaré. Apontamentos para uma cronologia (de 1750 aos nossos dias)**, Nazaré, Edições Colibri/ Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, 2002, depósito legal nº 186 182/02

MARTINS, Maria Filomena Silva- **Azulejos do Juncal**, S.I. Editorial Diferença, 1997, ISBN 972-8393-03-2

MANUSCRITOS

Livros de despesas da Real Casa da Nazaré, caixas 27 e 28, acessível no Arquivo da Real Casa de Nossa Senhora da Nazaré atual Confraria de Nossa Senhora da Nazaré, Nazaré, Portugal

Livro de Matrícula da Fábrica do Juncal, [Manuscrito], acessível no Arquivo Distrital de Leiria, Leiria, Portugal, Fundo Casa Calado, MF003

SOUSA, José Rodrigues da Silva- **Memorando** [Manuscrito], acessível no Arquivo Distrital de Leiria, Leiria, Portugal, Fundo Casa Calado, MF003

SOUSA, José Rodrigues da Silva- **Petição à Rainha D. Maria I e respectivo despacho** [Manuscrito], acessível no Arquivo Distrital de Leiria, Leiria, Portugal, Fundo Casa Calado, MF003